

ESTUDOS CULTURAIS EM AÇÃO: TEMATIZANDO O *FUNK* NA ESCOLA PÚBLICA

MS. DANIEL BOCCHINI

Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu

Doutorando em Educação pela Universidade Nove de Julho

Professor da Rede Municipal de Ensino de São Paulo

MS. DANIEL TEIXEIRA MALDONADO

Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu

Doutorando em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu

Professor da Rede Municipal d Ensino de São Paulo

Resumo | Tendo como suporte os estudos culturais, que buscam uma compreensão democrática e procuram reconhecer os conhecimentos e experiências da cultura popular, isto é, dos grupos desprivilegiados, o presente trabalho tem o objetivo de relatar uma experiência sobre a tematização do *funk* nas aulas de Educação Física em uma escola do município de São Paulo. Através de um mapeamento inicial foi diagnosticado que os discentes possuíam uma imagem muito preconceituosa sobre esse gênero musical. Com essas informações, planejamos ações pedagógicas que buscaram analisar melhor essa prática. Concluímos que foi possível contribuir para a desmistificação da imagem do *funk*, como também para dar vozes a uma minoria que sofre preconceito, além de valorizar essa manifestação da cultura popular negra.

Palavras-chave | Educação Física Escolar; Estudos Culturais; *Funk*.

INTRODUÇÃO

A atual configuração social possibilita o encontro de diferentes pessoas, logo, os ambientes como clubes, igrejas, *shoppings*, ciber-espços e a escola, acabam sendo espaços mais sensíveis a embates na tentativa de todas as diferenças se constituírem como um único caminho a ser valorizado. Segundo Hall (2006) esses questionamentos estão fortemente

relacionados com as transformações que a sociedade atual atravessa, essa mudança consiste no deslocamento das estruturas e referências que ancoravam os indivíduos no sistema social. Isto é, devido em grande parte à globalização e aos avanços tecnológicos, mais precisamente aos meios de comunicação (eletrônicos, escritos, etc). Somos cotidianamente bombardeados por infinita exposição de diversos modos e comportamentos, o que nos leva a compreender uma face plural e fragmentada do indivíduo. Ainda, de acordo com o autor, esse novo formato de sociedade permitiu o desaparecimento das barreiras geográficas, fato esse que contribuiu para uma aproximação de diversos grupos culturais e tem possibilitado um forte apelo à homogeneização, ou seja, uma padronização da forma de ser e viver euro-americana, branca, letrada, masculina, heterossexual e cristã, que está arraigado e estabelecido no imaginário social e naturalizada no convívio cotidiano entre os indivíduos. Grupos fora desse padrão, os chamados grupos minoritários, terminam por serem marcados pela discriminação, exclusão e preconceito.

Nesse sentido, percebemos no ambiente escolar que o encontro de diferentes pessoas, seja por meio de seus valores, hábitos, costumes, raças, classes sociais, grupos étnicos, gêneros etc, tem provocado nos discentes uma enorme luta para que certas práticas, comportamentos e gostos tenham mais valor do que “Outros”¹. Não podemos desprezar também que a organização, estrutura e o currículo escolar, bem como as práticas pedagógicas, muitas vezes na tentativa de igualar essas diferenças, contribuem para cada vez mais aumentar a segregação entre os alunos, pois na medida em que fingimos que a diversidade presente na escola não existe ou pelo menos não é considerada, contribuímos para que essas questões continuem sendo esquecidas.

Como componente curricular e não alheia a esse processo, a Educação Física, desde os anos 1980, também tem se preocupado com esse tema e tem denunciado o papel acrítico que desempenha nas aulas no

1. De acordo com os Estudos Culturais, utilizamos a expressão outros com a primeira letra maiúscula e entres aspas a fim de definir o papel da diferença.

ambiente escolar, em que muitas vezes prioriza apenas gestos técnicos, o alto-desempenho, a educação do corpo etc, contribuindo cada vez mais para robustecer os fundamentos capitalistas e neoliberais que pregam o individualismo, interesses econômicos e de mercado, competitividade e consumismo. Daólio (2005) reafirma a importância de se pensar a atual Educação Física como uma prática cultural, a fim de considerarmos a diversidade cultural e reconsiderar o “Outro” não apenas como um objeto de intervenção, mas como um sujeito da relação. Ainda segundo o autor, uma área acadêmica que tem a pretensão de ser ativa e dinâmica não pode ficar calada frente a esse problema.

Portanto, no sentido de reverter esse quadro, Pérez Gómez (2000) nos mostra que a sala de aula pode se transformar num espaço de construção, reconstrução e compartilhamento de culturas. Pautando-se na pedagogia crítica, a qual busca uma intrínseca relação com os conteúdos relacionados à vida social, o professor torna-se um mediador entre os alunos e as práticas sociais, objetivando o ressignificar; trazendo mais informações; propondo situações problema que favoreçam um ambiente mais democrático. Tendo como princípio norteador a decisão coletiva compartilhada com a comunidade escolar, essa prática torna o aprendizado muito mais significativo por possuir uma forte relação com o contexto vivido. Isso demonstra que não podemos desvalorizar as experiências, as histórias de vida e o contexto social-histórico dos alunos (NEIRA, 2010).

Percebemos que as práticas cotidianas e o currículo estão extrinsecamente relacionados a essas temáticas, pois na medida em que trazemos aos alunos e alunas apenas determinados conteúdos (predominantemente, nas aulas de Educação Física, os esportes oriundos da cultura europeia, masculina e branca) não analisamos criticamente os fenômenos estudados, fornecendo apenas uma possibilidade de ler a realidade, contribuindo para que possuam uma visão limitada e, portanto, não generalizada. Consequentemente, perpetuamos o preconceito a certas práticas, etnias, gêneros e grupos, e fortalecemos cada vez mais as mesmas práticas, etnias, gênero e grupos hegemônicos.

Silva (2011) entende que o currículo constrói identidades, sendo compreendido como um espaço de embate na tentativa de consolidar diferentes

formas de ser. Com a perspectiva de trazer soluções a essa realidade é que a perspectiva cultural começa a ser estudada na década de 1960 (no chamado período pós Guerra), na Universidade de Birmingham (Inglaterra) no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos. O principal objetivo dos Estudos Culturais é intervir na construção de novos significados e valores mais democráticos, considerando os meios de comunicação em massa e sua busca pela homogeneização oriunda dos setores privilegiados da sociedade, influenciados por diversos movimentos sociais, que buscam uma participação equitativa. Os Estudos Culturais pregam uma educação onde esses grupos em desvantagens possam ter seus conhecimentos validados e seus interesses contemplados, mesmo num mundo onde os gostos, comportamentos, a moral, o conhecimento e a linguagem são controlados por grupos elitizados que apenas separam as pessoas (NEIRA e NUNES, 2011).

Do intuito de discutir essas questões nasce o desejo de construir, no ambiente escolar, pontes que possam suscitar nos alunos o diálogo e reflexões, ou seja, é a partir das relações que são estabelecidas no contexto educacional que o docente, como mediador, pode levantar questões reflexivas pautadas nas relações entre os indivíduos. Assim, corroboramos com a posição de Daolio (2005) quando diz que para buscarmos uma Educação Física com intenções transformadoras, não se deve organizar uma proposta rígida ou engessada, mas sim promover discussões, análises, pesquisas e posicionamentos, podendo ser mais eficaz na medida em que se conseguir “penetrar o universo cotidiano de representações que os professores de Educação Física possuem, decifrando os significados de sua prática e entendendo a mediação com os fatores político-institucionais” (p.224). Nesse sentido, propusemos a realização desse projeto na escola com um tema que não possui a preferência da maioria e que muitas pessoas têm preconceito, inclusive o corpo docente, o corpo gestor e muitos dos atores que compõem o cotidiano escolar.

Em nosso relato utilizamos o termo tematizar, que seguindo os passos de Sandra Corazza (2003) significa:

...abordar algumas das infinitas possibilidades que podem emergir das leituras e interpretações da prática social de cada manifestação. Tematizar implica procurar

o maior compromisso possível do objeto de estudo em uma realidade de fato, social, cultural e política. O que se pretende com a tematização é uma compreensão profunda da realidade em foco e a capacidade crítica dos alunos como sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido (p. 261).

Portanto, a partir desse referencial teórico, essa pesquisa tem o objetivo de relatar uma experiência sobre a tematização do *funk* nas aulas de educação física em uma escola pública do município de São Paulo. Através desse relato procuramos compartilhar com nossos colegas uma educação pautada numa racionalidade contra-hegemônica e que vislumbre nas aulas um espaço democrático possibilitando a construção de um aluno crítico. Com essa ideia, Delmanto e Faustinoni (2009) nos explicam o que é e qual a importância dos relatos de práticas docentes:

são registros de atividades realizadas com os alunos, com o objetivo de construir conhecimentos. Neles deve transparecer a intenção do professor em cada atividade planejada, suas reflexões e observações ao longo do desenvolvimento da experiência. O caminho para alcançar cada objetivo precisa estar claramente expresso, para que os leitores, provavelmente outros professores, possam compreender o trabalho por inteiro. Os resultados alcançados e o modo como cada procedimento foi avaliado, retomado, revisto, refeito também precisam estar explícitos, de modo a propiciar elementos de análise para posterior reflexão e busca de caminhos, na perspectiva da melhoria contínua da educação oferecida na escola (p. 9).

Dessa forma, o projeto foi realizado numa escola municipal de São Paulo, localizada na zona norte, distrito de Brasilândia. A escola foi inaugurada em 2008, e hoje atende cerca de 1.200 alunos matriculados do 1º ao 9º ano. Por estar inserida na região periférica da cidade, o perfil socioeconômico dos alunos é da classe menos abastada da sociedade, sendo a maioria classificada, segundo a composição étnica, de negros ou pardos.

Participaram do estudo alunos de duas salas de 7º ano, com cerca de trinta e cinco alunos por sala, uma idade média de 13 anos, sendo a maioria garotas. Na prefeitura de São Paulo, as séries do fundamental II possuem três aulas de educação física por semana, com duração de quarenta e cinco minutos. Assim, para esse projeto, planejamos cerca de trinta e seis aulas, aproximadamente três meses, sendo desenvolvido no primeiro semestre de 2012.

RELATANDO A EXPERIÊNCIA

A escolha desse tema perpassa dois motivos. O primeiro, como lecionamos nessa escola há cerca de quatro anos, percebemos há algum tempo, nos momentos em que estamos chegando à escola, ou quando visitamos os intervalos, e até mesmo no horário de saída, que grande parte dos alunos ouvem *funk* em seus celulares. Logo, constatamos que esse estilo musical faz parte da realidade dos educandos. O segundo motivo se deve à reunião que todos os professores da unidade escolar participaram, no início de 2012, onde foi definido que o tema do PEA – Projeto Especial de Ação² – da escola trataria das manifestações da cultura.

A escolha do *funk* como conteúdo a ser desenvolvido nos fez mergulhar numa profunda reflexão e angústia. Reflexão porque para abordar essa temática com os alunos precisávamos, primeiramente, nos livrar de todos os preconceitos que existiam em nós, e angústia por não termos nenhum conhecimento sobre esse assunto.

Seguindo as orientações curriculares (São Paulo. Secretaria Municipal de Ensino, 2007) inicialmente realizamos um mapeamento a fim de diagnosticar qual conhecimento os alunos tinham sobre essa temática. Na primeira aula, quando apresentamos a proposta, foi muito curioso, pois todos nos olharam com cara de espanto, como se pensassem que a escola não seria lugar para se discutir uma prática que traz tanta polêmica por conta das letras de músicas, o estilo da dança etc. Interessante ressaltar também que apesar da maioria dos alunos ouvirem *funk*, frequentar bailes *funk* e conhecer diversos Mcs que vivem na comunidade, verificou-se a existência de uma imagem muito preconceituosa e discriminatória sobre as pessoas que se identificavam com tal música, conseqüentemente, sobre a prática que eles mesmos faziam, pois diziam que só “os bandidos, traficantes e vagabundas” ouviam. Além disso, percebeu-se que para

-
2. São instrumentos de trabalho elaborados pelas Unidades Educacionais, que expressam as prioridades estabelecidas no Projeto Pedagógico, voltadas essencialmente às necessidades dos educandos, definindo as ações a serem desencadeadas, as responsabilidades na sua execução e avaliação, visando ao aprimoramento das práticas educativas e conseqüente melhoria da qualidade de ensino (SÃO PAULO, 2008).

os alunos, as composições das letras das músicas limitavam-se a fazer referências a drogas, sexo, criminalidade, etc.

Para tanto, planejamos diversas ações pedagógicas que buscaram compreender e analisar melhor essa prática pertencente à cultura corporal, na medida em que suas gestualidades expressam formas de linguagem, por meio da dança, vestimenta, gírias etc. Então, para iniciar, propusemos que os alunos mencionassem os tipos de *funk* conhecidos por eles: *melody*³, *gospel*⁴, *erótico*⁵ e *ostentação*⁶. Na aula seguinte os alunos trouxeram músicas, em Cds e no próprio celular. Quando solicitamos para que nos mostrassem, alguns não queriam dizendo que falava muito palavrão e que não sabiam se poderiam usar o celular na aula. Reforçamos que não havia problema e uma aluna nos indagou: “Mas e se a coordenadora entrar aqui na sala?”. Dissemos para não se preocuparem, pois estávamos num momento de aula, e tanto o uso do celular quanto as músicas com palavrão faziam parte do contexto da mesma. Além disso, a coordenadora já tinha sido avisada do projeto. Essa passagem mostrou a imagem de blindagem que a escola tem para os alunos, não sendo o espaço para certas práticas ou discussões. Outra aluna nos chamou e disse que era evangélica e não poderia ouvir “essas músicas”, então perguntamos se ela conhecia o *funk gospel*, e ela disse: “Ah professor, *funk gospel* nem existe!”. Ficou surpresa quando conheceu tal gênero musical e a partir daí começou a participar da aula. Nessa mesma ocasião, ao observarmos os comentários que afirmavam que o *funk melody* (que fala de amor) e o *gospel* (que fala de Deus) eram melhores que o *erótico* e o *proibidão*, entrevistamos dizendo que cada um tem direito de ouvir o tipo de *funk* que mais lhe agrada, e que nosso objetivo não era definir apenas um, mas ampliar nossa visão sobre esse estilo musical.

Em seguida, propusemos a realização de uma pesquisa sobre a origem e as transformações que ocorreram com o *funk* até os dias de hoje, então os alunos foram divididos em grupos, e conforme o agendamento

3. *Funk* que possui batidas ritmadas e letras mais românticas.

4. *Funk* que possui letras cujo objetivo é louvar a Deus.

5. *Funk* que possui uma batida repetitiva e com letras eróticas e de duplos sentidos.

6. *Funk* que possui letras que se referem ao consumo e a ostentação.

apresentaram o que tinham encontrado. Para auxiliá-los, realizamos uma pesquisa prévia e orientamos os sites que poderiam encontrar os assuntos relacionados com cada tema. Os discentes ficaram surpresos quando descobriram que o *funk* nasceu nos Estados Unidos nas igrejas evangélicas. Um fato curioso é que em diversos momentos ouvimos de colegas professores da escola, que não adianta pedir aos alunos para realizarem trabalhos para casa, porque nunca os faziam. Mesmo assim insistimos e tivemos uma grata surpresa, vários grupos entregaram os trabalhos antes do prazo combinado, e percebemos que estavam empolgados com o projeto.

Para a próxima etapa pesquisamos em sites algumas reportagens sobre o *funk* na tentativa de verificar como que a mídia o compreende e divulga. Acabamos encontrando duas reportagens, uma da TV Globo e outra da TV Record, assistimos e discutimos que essas reportagens possuíam uma visão muito preconceituosa, pois só reforçavam que nos bailes morriam pessoas, havia prostituição, uso de drogas etc. Também aproveitamos para discutir sobre o preconceito e apologia. Perguntamos aos alunos se realmente o *funk* era o único culpado pelas pessoas utilizarem drogas ilícitas, ter relação sexual sem proteção e promiscuamente, ou entrarem para o mundo do crime, pois diversos outros meios de comunicação como revistas, novelas, filmes, outros estilos musicais como pagode e mpb também abordam essas questões, porém não sofrem preconceito e não são rotulados como o *funk*.



Figura 1 – Alunos assistindo vídeos sobre o histórico, reportagens e os passos do *funk*.

Outro momento do projeto era a realização de uma coreografia, então perguntamos se sabiam dançar e se conheciam o nome de algum passo, e obtivemos respostas positivas. Trouxemos também um vídeo de uma batalha de passinho⁷ do *funk*. Após, solicitamos que os alunos se dividissem em grupos e a partir do vídeo assistido e do conhecimento que possuíam sobre a dança, realizassem uma coreografia. Porém, a vergonha tomou conta dos alunos e ninguém quis demonstrar qualquer passo. Percebemos que os alunos ficavam cobrando uns dos outros para dançar, criando-se um ambiente um pouco hostil. Avisamos então que essa não era a proposta, e se ninguém quisesse dançar, não haveria problemas e daríamos andamento ao projeto.

Analisamos ainda diversas letras de músicas e pedimos para os alunos realizarem uma paródia ou compor a sua própria letra de música. Para concluir o projeto, gravamos um CD, numa rádio comunitária próxima à escola. As visitas ocorreram em grupos pequenos que puderam conhecer todo o funcionamento de uma rádio, além de realizar um momento de debate, em que os alunos relataram o que pensavam sobre esse estilo musical e sobre as experiências vivenciadas nas aulas. Ao final escolhiam uma música de funk para tocar na rádio.

DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA REALIZAR O PROJETO

As dificuldades começaram a acontecer antes mesmo do projeto começar, a partir do momento que decidimos tematizar o *funk*, mesmo tendo todo o suporte referencial no livro de Orientações Curriculares da própria prefeitura de São Paulo (cujo objetivo é subsidiar o professor na elaboração e organização dos projetos, nas expectativas de aprendizagem, escolha de conteúdos, organização das atividades e avaliação), a fim de evitar possíveis problemas com relação à reclamação de pais ou dos alunos, resolvemos marcar uma reunião com a coordenação para

7. São competições, entre duas pessoas, ocorridas nos bailes funk, onde cada concorrente tem um minuto para mostrar suas habilidades utilizando os diferentes passos do funk.

explicar o porque dessa idéia, como o projeto iria acontecer e o que iríamos abordar com relação a esse tema. Apesar de algum espanto da coordenação, recebemos o apoio necessário.

Logo no início, quando avisamos aos alunos que iríamos tematizar o *funk* nas aulas, alguns se colocaram contra essa decisão, pois diziam que aula de Educação Física era para jogar futebol e não para ficar ouvindo “essas músicas”. Outros alunos questionaram o porquê tinham que estudar o *funk* e não outros gêneros musicais como o *rock*, *hip hop* e pagode. Uma parte mais radical dos alunos disse que não iria participar se a aula fosse *funk*. Por fim, tentamos explicar a eles que antes de dizermos se gostamos ou não de alguma coisa, é importante conhecermos, e esta era uma boa oportunidade de pesquisarmos esse gênero musical.

Mais uma vez, relembramos a dificuldade encontrada na proposta da vivência da dança por parte dos alunos, apesar de declararem que tinham conhecimento da dança e de determinados passos, tiveram receio em mostrar ao grupo. De fato essa situação não atrapalhou o andamento do projeto, porém, avaliamos, posteriormente, que se tivesse ocorrido conforme o planejamento inicial teria enriquecido bastante nossas discussões com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do projeto, percebemos que contribuímos significativamente na desmistificação da imagem do *funk*, tentando-o colocar num nível de igualdade com outros estilos musicais. Para exemplificar essa percepção, destacamos a fala de uma aluna: “eu achei muito legal, porque nem todos os *funks* falam palavrão e putaria, e eu conheci outros tipos”.

Ressaltamos que além da importância de ampliar o olhar sobre o *funk*, tivemos também o objetivo de discutir com os alunos que as questões ligadas à sexualidade, apologias, uso de drogas e palavrões não são encontradas exclusivamente no *funk* e, se analisarmos criticamente, encontraremos também em outros ritmos. Uma possível explicação que podemos considerar para essa demonização do *funk*, é o fato de estar associada a uma origem negra e pobre.

Mesmo tendo dificuldades em relação à prática da dança pelos alunos devido ao receio de se exporem, concordamos com os resultados da pesquisa de Vilela (1998) que afirmam que as discussões das danças de rua são importantes para legitimar uma prática oriunda da cultura popular, que historicamente é vista como não válida. Além disso, também compreendemos a relevância da formação crítica dos alunos a fim de que possam identificar e interpretar as diferentes representações que caracterizam essa manifestação da cultura popular e encontram-se espalhadas pela sociedade, em especial a brasileira.

Dessa maneira, através das diversas estratégias de ensino adotadas, conseguimos dar vozes, nas aulas, a uma minoria que sofre preconceito por se aproximar desse gênero musical, e conseqüentemente, procuramos valorizar essa manifestação da cultura popular negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORAZZA, S.M. **Tema Gerador**: concepções e práticas. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

DAOLIO, J. A Educação Física escolar como prática cultural: tensões e riscos. **Pensar a Prática** – v. 8, n° 2: 215-226, Jul./Dez. 2005.

DELMANTO, D.; FAUSTINONI, L. E. Os relatos de prática e sua importância no processo de produção e socialização do conhecimento. In: GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Reorientação curricular do 6º ao 9º ano**: currículo em debate – Relatos de Práticas Pedagógicas. Goiânia: SEE/GO, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NEIRA, M; NUNES, M.L.F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, jul./set. 2011.

NEIRA, M.G. **Por dentro da sala de aula**: conversando com a prática. 2.ed, São Paulo: Phorte, 2010.

PÉREZ GOMEZ, A. I. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GIMENO SACRISTÁN, J; PÉREZ GOMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. Ed. Porto Alegre: ArtMed, p. 13-26, 2000.

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE ENSINO. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.

SÃO PAULO. Portaria nº1566 de 2008. Disponível em:http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=19032008P%20015662008SME>. Acesso em: 24 jun. 2014.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (org.) **Identidade e diferença: as perspectivas dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 10ª edição, 2011.

VILELA, L.F. **O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

Recebido: 18 abril 2014

Aprovado: 03 julho 2014

Endereço para correspondência:

Daniel Teixeira Maldonado

Rua Alfredo Zunkeller, 71, apto 91

Mandaqui

São Paulo – SP

CEP: 02421-070

dani_bombinha@hotmail.com